

Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária, constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, em Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● Em Outubro de 2022, realizou-se nova conferência mundial, em Paris, precedida de uma conferência internacional das mulheres trabalhadoras. Delegados de 43 países subscreveram um apelo que actualiza o Manifesto de Mumbai à luz da situação mundial (*).

● Compõem o comité de acompanhamento militantes operários de todas as tendências:

Camille Adoue (França)
Innocent Assogba (Benim)
Alan Benjamin (EUA)
Colia Clark † (EUA)
Adama Coulibaly (Burkina Faso)
Constantin Cretan (Roménia)
Berthony Dupont (Haiti)
Daniel Gluckstein (França)
Rubina Jamil (Paquistão)
Christel Keiser (França)
Apo Leung (China)
Nnamdi Lumumba (EUA)
Randy Miranda (Filipinas)
Mandlenkosi Phangwa (Azânia)
Liliana Plumeda (México)
Milind Ranade (Índia)
Klaus Schüller (Alemanha)
Jung Sikhwa (Coreia)
Mark Vassilev (Rússia)
Nambiath Vasudevan (Índia)

(* Afeganistão, Alemanha, Argélia, Azânia, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burkina Faso, Burundi, Canadá, Chile, China, Congo, Coreia, Egipto, Estado espanhol, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Itália, Marrocos, México, Palestina, Paquistão, Peru, Portugal, Roménia, Rússia, Senegal, Sri Lanka, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Zimbabue.

ESTADOS UNIDOS

“Uma greve histórica”

Com a inflação, são cada vez mais os trabalhadores que recorrem à greve para arrancarem aumentos salariais ao patronato.

Nos Estados Unidos, à meia-noite de 14 de Setembro, o contrato colectivo de 150.000 operários dos “três gigantes” da indústria automóvel (Ford, General Motors e Stellantis) expirou. A não haver acordo entre os representantes dos patrões e o sindicato *United Auto Workers* (UAW), mais de 96% dos filiados no sindicato tinham referendado a greve, em consultas internas impostas pelas leis anti-sindicais.

Os trabalhadores querem aumentos salariais de 46%, igualdade salarial e redução do horário de trabalho sem perda de remuneração. Os trabalhadores sabem que, em dez anos, os “três gigantes” obtiveram em conjunto lucros de 250 mil milhões de dólares.

Assim, ao apelo dos UAW, a greve

começou, como greve parcial em três fábricas, onde trabalham 13.000 dos 150.000 sindicalizados. Constituíram-se piquetes por todo a parte. Isto sucede do mesmo passo que, noutros sectores, como o dos 100.000 actores e guionistas de Hollywood, a greve continua ou está em preparação, caso dos 60.000 trabalhadores hospitalares da Kaiser.

Como qualquer greve, esta enfrenta obstáculos. Contudo, esta greve que a imprensa diz “histórica” já está a deixar marcas na situação americana e, por conseguinte, na cena internacional.

Enquanto um Biden preocupado insiste que “ninguém quer a greve”, uma sondagem da CNN, de 14 de Setembro, revela que, à pergunta “De que lado está?”, 75% dos inquiridos respondem “do do sindicato” e apenas 19% “do dos patrões”. ■

Com os nossos correspondentes nos Estados Unidos

“Para conquistarmos alguma coisa, temos de nos bater”

Nos piquetes de greve, trabalhadores zangados e determinados

Shawn Fain, o presidente dos UAW, não exclui ampliar a greve se não se chegar a acordo. Fain – que passou entretanto a reivindicação para 40% de aumento (em vez dos 46% iniciais) – tinha recebido dos patrões da Stellantis a proposta de 21%, respondendo: “*Nem queremos sequer ouvir falar nisso*” (CBS, 17 de Setembro).

As cúpulas estão muito preocupadas. Biden, declarou, no dia 15 de Setembro, com pezinhos de lã, que “ninguém quer a greve. Mas eu respeito o direito dos trabalhadores (de fazer greve) e compreendo a sua frustração.” Considerando, embora, que os patrões “fizeram propostas significativas”, acrescenta que “*deviam ir mais além*”.

Se Biden se exprime assim, não é por

ser “o presidente mais favorável aos trabalhadores”, que a direcção da Central Sindical, a AFL-CIO, pretende que é, mas porque sabe a que ponto esta greve ameaça alastrar como mancha de óleo.

Recorre-se a todo o *establishment* do Partido Democrático – um dos dois partidos da burguesia, o outro são os republicanos – para tentar acabar com esta greve o mais depressa possível. De Bernie Sanders e da pseudo-“esquerda socialista” do Partido Democrático até Obama. Este último acaba de relembrar à General Motors e à Chrysler que, em 2008, lhes deu uma prenda de 62 mil milhões de dólares em fundos públicos para “salvá-las” da crise.

No entanto, nos piquetes de greve, os trabalhadores mostram-se determinados.

“Andaram-nos a dizer que éramos “essenciais”, e viemos trabalhar durante a Covid. Foi graças a nós que a empresa fez lucros à grande”, explica um operário da fábrica Jeep, em Toledo.

Anthony, operário da fábrica de montagem da Ford em Wayne (Michigan) estava de folga quando a direcção do sindicato apelou à greve na sua fábrica, quinta-feira depois da meia-noite. Foi-se juntar ao piquete de greve a toda a pressa: “Temos de nos bater para conquistarmos alguma coisa.”

Os grevistas estão perfeitamente cientes dos recordes de dividendos pagos pelos “três gigantes” aos ac-

cionistas: “Têm condições para nos dar o que nós reivindicamos”, ouve-se em todo o lado.

Debate-se a estratégia da direcção dos UAW: muitos trabalhadores acham que a decisão da nova direcção do sindicato de não ceder às exigências dos patrões é como deve ser.

Um responsável sindical com vinte anos de General Motors faz o balanço da política da antiga direcção sindical, que aceitava tudo: “Durante os últimos vinte anos, só andámos a recuar”.

Há quem apoie a opção da direcção dos UAW de começar por

uma greve parcial (limitada a três fábricas, em que trabalham 13 mil dos 150 mil sindicalizados). Carlos, com trinta e cinco anos de Ford, acha que “esta estratégia permite fazer o fundo de greve durar mais tempo”.

Marie, há vinte e sete anos operária da Ford, no Michigan, não perfilha essa opinião. É a sua “primeira greve”. “Estava à espera de uma greve mais alargada, com os 146 mil trabalhadores todos, dos três grupos”. No entanto, acha que “muita coisa ainda pode acontecer...”. ■

Com os nossos correspondentes

UCRÂNIA

“Para que serviram estes rios de sangue?”

Publicamos excertos de um relatório realizado por um grupo de militantes operários ucranianos numa grande cidade da Ucrânia próxima dos combates.

“No final de Agosto, os dirigentes da região não se fizeram rogados a “animar” a população, anunciando o reforço da mobilização. “O comandante adjunto das forças armadas declarou que “a sociedade tem de perceber que a guerra continua.”

Andam então à caça de todos os que lhe tentam escapar. Último caso, para já: o gabinete do procurador regional referiu que um cidadão que abriu um grupo na rede social Telegram será julgado ao abrigo dos artigos do Código Penal referentes a ‘obstrução à actividade das forças armadas ucranianas’. O cidadão arrisca-se a uma pena de prisão significativa. Ora, o cidadão em causa nem é adepto do derrotismo revolucionário nem da palavra de ordem ‘Paz entre os povos, guerra aos governos’. Antes: no seu grupo Telegram

– com milhares de subscritores – viam-se mensagens de apoio ao exército ucraniano, mensagens anti-russas e nacionalistas. Mas a rede social também alertava os subscritores para evitarem as patrulhas que interpelam homens na rua e os mandam para a frente.

Ora, na dita frente, o avanço do exército russo na zona que vai de Kupyansk a Kremenna parece ser tão infrutífero como as tentativas ucranianas de penetração em direcção ao Mar de Azov. Do lado ucraniano, cresce o número de jovens que se recusam a combater. Do lado russo, tão-pouco o moral é à prova de bala. Em 9 de Agosto, ficou-se a saber da existência de uma cave, na aldeia de Zaitsevo (região de Luhansk) onde tinham metido soldados russos sobreviventes da unidade ‘Storm’. Mandam-nos avançar pelos campos de

minas, em ataques sem tréguas, por vezes desarmados. “De uma centena de soldados da nossa unidade, apenas vinte sobrevivemos”, conta um deles numa gravação. “Quem se recusasse a entrar em combate levava uma bala nas pernas, pessoalmente disparada pelo oficial.”

Tanto do lado ucraniano como do lado russo, há cada vez mais soldados que compreendem instintivamente que não passam de carne para canhão. Acabarão estes soldados por abraçar posições anti-guerra? Ainda não é certo. Certo é que, se as coisas continuarem na mesma, não tarda nada que, de ambos os lados, não reste um único soldado vivo para mandar para novas ofensivas. Quando poderão os trabalhadores ucranianos, exaustos e enfraquecidos, finalmente respirar? E para que terão servido estes rios de sangue? ■

RÚSSIA

Alvo do regime: o movimento operário

O jovem militante anarquista Azat Miftakhov esteve em “liberdade” menos de cinco minutos. Estava na prisão desde 2019, na sequência de um processo forjado. Como as humilhações, o confinamento em solitário e as torturas não o quebraram, as autoridades russas aumentaram-no à “lista de terroristas e extremistas” no final de Agosto, para ganharem um pretexto para poderem prendê-lo logo que saísse da prisão. Mal saiu, no dia 4 de Setembro, foi detido por homens encapuchados do FSB (Serviço de Segurança Federal), que saíram de uma carrinha com matrícula chechena. Um tribunal da cidade de Kirov ordenou a sua detenção até 3 de Novembro. Será julgado por “apologia do terrorismo”, com base em alegados “testemunhos” extraídos a três presos. “Agradeço a todos os que me apoiaram. A vossa solidariedade ajuda-me a aguentar. Estou certo de que a Rússia conhecerá um futuro melhor”, pôde declarar em tribunal.

A acusação de “terrorismo” é actualmente utilizada de forma sistemática pelo regime policial do Kremlin para reprimir quem reivindique a luta contra a guerra e a exploração. O sociólogo e activista de esquerda Boris Kagarlitsky foi, também ele, incluído na “lista de terroristas e extremistas” após a sua detenção, em 25 de Julho.

Em 5 de Setembro, o Ministério Público classificou a Federação Internacional dos Trabalhadores dos Transportes (ITF) como “organização indesejável” na Federação Russa. Ora, há, na Rússia, nada menos do que sete organizações sindicais independentes filiadas na ITF. Entre elas, o Sindicato dos Marinheiros, o RPSM, cujo presidente, Yuri Sukhorukov, referiu haver “pelo menos 198 mil marinheiros russos empregados na indústria dos transportes marítimos, e a maioria deles beneficia de acordos colectivos negociados pela ITF. Cada marinheiro russo – insisto,

cada marinheiro – sabe o que é a ITF. Muitas vezes, é o único organismo a que um marinheiro se pode dirigir para obter uma ajuda real, seja por salários não pagos, seja na defesa legal dos seus direitos”.

Não é por acaso que o regime dos oligarcas, atolado na sua guerra na Ucrânia, dirige o fogo contra o movimento operário. Segundo as estatísticas oficiais, desde o início do ano, um terço do orçamento de Estado foi engolido pelo orçamento da guerra. Enquanto isso, os “peritos” receiam que “o Extremo Oriente, a Sibéria, os Urais e as regiões setentrionais sejam os primeiros a sofrer com o significativo aumento do preço do pão” (NGS.ru, 4 de Setembro). Para os dois milhões de habitantes da aglomeração siberiana de Novosibirsk, o preço do pão já aumentou 10%, ao passo que os salários estagnaram. ■

Com os nossos correspondentes